

Atendendo às características da colecção e ao público-alvo (estudantes dos ensinos secundário e universitário), a A. fez preceder a tradução de um breve estudo introdutório, onde tece considerações úteis sobre a data da produção, sobre as personagens e sua caracterização e sobre o enredo convencional de uma típica peça da Comédia Nova – “uma história doméstica que tem por móbil um romance de amor à procura do momento de se concretizar em casamento e felicidade” (p. 8).

A tradução, feita com base na edição de F. H. Sandbach, em *Menandri reliquiae selectae*, Oxford Classical Texts, 1972, concilia, na exacta medida e como se impunha num texto cómico, o rigor com que acompanha letra do texto grego com a liberdade com que adapta expressões cómicas e coloquiais do original à nossa linguagem familiar ou popular, condimentando-as ainda com o sempre delicioso calão. Esta técnica, a que já nos habituou a A. em outras traduções de comédia grega e que nós muito apreciamos, surpreende o leitor menos avisado com expressões do tipo “apanhado da bola”, “passar dos carretos”, “ir aos arames”, “ficar pior que estragado”, “paleio furado”, “dar na veneta”, “dar o fanico”, “dor de corno”, “putedo”, “puta”, “maricas”, “é um tipo com tomates”, “seu javardo”. Esta primeira versão para português da *Samia*, de leitura muito agradável, é ainda elucidada com oportunas didascálias e com adequadas notas de rodapé que assinalam e esclarecem as várias lacunas do texto ou explicam assuntos de natureza mitológica, literária ou cultural.

A bibliografia, criteriosamente seleccionada, apresenta-se reduzida ao mínimo essencial, de acordo, aliás, com as orientações editoriais.

A brevidade e concisão exigidas numa publicação deste tipo não impediram, contudo, que rigor e qualidade fossem atributos de mais uma tradução de comédia grega, assinada por Maria de Fátima Silva. Além de cumprir os seus objectivos imediatos de facilitar o entendimento de um enredo desconhecido da generalidade e, assim, concitar uma maior adesão do público ao espectáculo daquele dia 2 de Maio de 2000, esta edição constitui mais um precioso contributo para o conhecimento não só do teatro grego mas também de um autor que foi importante na história da literatura ocidental, pela influência que exerceu nas comédias de Plauto e de Terêncio

CARLOS MORAIS

Nuno Simões Rodrigues, *Traduções Portuguesas de Teócrito*, Lisboa, Universitária Editora, 2000, 192 pp. [ISBN: 972 700 195 5]

Concebido inicialmente como trabalho escolar do Mestrado em Literatura Grega que o autor frequentou na Universidade de Lisboa em 1992/1993, este estudo, entretanto reformulado e aumentado, viria a ser publicado no ano 2000 pela Universitária Editora, pondo à disposição do leitor, sobretudo o especializado, um conjunto de informações preciosas e úteis que permitem aferir

o apreço que teve em Portugal, desde o Renascimento até aos nossos dias, um dos mais antigos e dos mais importantes (senão o mais importante) cultores do bucolismo.

A obra, prefaciada por Victor Jabouille, divide-se em duas partes. Na primeira, Nuno Simões Rodrigues começa por traçar as grandes linhas da obscura biografia de Teócrito, baseando-se sobretudo, atendendo à escassez de dados, em conjecturas formuladas a partir de informações colhidas nos seus textos poéticos (pp. 13-16). De seguida, centrando a sua atenção na obra do poeta alexandrino, começa por radicar o desenvolvimento do bucolismo na especificidade sócio-cultural da época helenística (pp. 16-18), definindo e caracterizando, depois, quer do ponto de vista formal quer do ponto de vista temático, os 31 idílios conhecidos e atribuídos ao autor – muito embora, como tem o cuidado de referir, esta atribuição não seja pacífica –, distribuindo-os por cinco grupos: poesias bucólicas ou poemas pastoris, poesias em forma de mimo, poesias de tema mítico, poesias dedicadas a soberanos e poesias eróticas (pp. 18-21). Por fim, não sem que antes ainda faça uma breve alusão ao género epigramático também desenvolvido pelo poeta de Cós, o A. encerra esta primeira parte com o cerne do seu estudo, que revela um aturado e meritório trabalho de pesquisa: a história da recepção de Teócrito em Portugal, quer ao nível da recriação mais ou menos livre, quer, sobretudo, ao nível da tradução (pp. 22-49). Enumerando e datando os textos, identificando e biografando os autores que, desde o Renascimento, traduziram o poeta alexandrino ou nele se inspiraram, o A. retira conclusões sobre o grau variável de fidelidade ao original, sobre o gosto dos tradutores pelos *idílios* de tema essencialmente bucólico – uma das razões para o facto de *As Talísias* (Id. VII) ter sido o mais explorado – e ainda sobre a frequência das traduções. Assim, ficamos a saber que 86% das versões portuguesas do bucolismo teocritiano são do séc. XX, sendo a década de 30 a mais fértil, “uma realidade talvez associada ao imaginário seareiro e à Revista que tanto se empenhou na sua tradução” (p. 46). Isso, pelo menos, explica que Agostinho da Silva, sob o pseudónimo de Marcos, tenha aí publicado, entre Dezembro de 1935 e Fevereiro de 1936, versões portuguesas de quatro *Idílios* de Teócrito (XV, IV, X, XIV) e que o também seareiro António Sérgio (não mencionado pelo A.), cinco anos antes, em 1930, tenha incluído, no início do Acto III da sua *Antígona*, uma cena de inspiração teocritiana, protagonizada pelos pastores Córidon e Títiro, onde é possível entrever, num conjunto de cerca de 50 decassílabos, os vv. 44-46 do *Idílio IV*, os vv. 102-103 do *Idílio V* e os vv. 4 e 11 do *Idílio I*.

Na segunda parte (pp. 51-181), Nuno Simões Rodrigues reúne traduções (algumas completas, outras apenas de excertos) de 17 *Idílios* e 5 epigramas, ilustradas com desenhos de A. Carolis e assinadas, duas por si próprio, as restantes por autores com interesses e formações tão variados como Pedro Andrade de Caminha (séc. XVI), o P.^e Joaquim de Fóios (séc. XVIII), Álvaro

Múcio Teixeira (séc. XIX), Francisco Maria Esteves Pereira, Henrique Lopes de Mendonça, Paiva Boléo, Agostinho da Silva (Marcos), David Mourão-Ferreira, José Saramago, José Cardoso e os classicistas Carlos Simões Ventura, Francisco Rebelo Gonçalves (Lúcio Rebelo) e Maria Helena da Rocha Pereira (séc. XX).

Esta obra, que inclui ainda uma bibliografia sucinta e adequada, ao reunir meticolosamente materiais dispersos – alguns desconhecidos, outros simplesmente esquecidos no emaranhado teórico de artigos ou de livros –, analisando-os e transcrevendo-os com seriedade e rigor, fica como uma imprescindível referência para o estudo do bucolismo e da recepção de Teócrito em Portugal.

CARLOS MORAIS

Carmen Isabel Leal Soares, *O Discurso do Extracénico — Quadros de Guerra em Eurípides*, Lisboa, Edições Colibri — Fac. de Letras da Universidade de Coimbra, 1999, 128 pp. ISBN 972-772-085-4.

O trabalho em epígrafe, resultante de dissertação de mestrado defendida em 1996, tem por objecto o estudo daquilo que, dentro do teatro, está por essência fora dele, mas que, pela arte, é presentificado e trazido para dentro dele: nas palavras de Carmen Soares, o “extracénico”. Dentre o leque de cenas do género oferecidas pelo teatro euripídiano, escolheu estudar os processos literários (discursivos) através dos quais o artista-poeta Eurípides “representa” e descreve os eventos bélicos extracénicos. O drama é, antes de mais, um género poético, vive da palavra preferencialmente à encenação e aos aspectos técnicos. Como bem sublinha a A., valendo-se da autoridade da *Poética* (p. 18): “Aristóteles, numa provável reacção contra a sobre-valorização dos recursos espectaculares na produção teatral da sua época, afirma que o espectáculo, embora sendo o que mais seduz o público, é o que há de mais estranho à arte e menos próprio à poesia.”

Após uma “Nota prévia” e “Observações preliminares” (pp. 7-11), a A. introduz (pp. 13-26) quatro elementos característicos do género trágico. Primeiramente, a tragédia e o seu papel duplo de didacticismo e hedonismo. Nas pp. 19-21, disserta sobre a concepção da tragédia enquanto narrativa em forma dramática, fundando-se na omnifuncionalidade do conceito de *imitação*. Seguem-se (pp. 21-23) algumas considerações acerca da “descrição”, na acepção lata do termo enquanto reprodução em discurso de algo visto, que se fundamentam nas concepções actuais do que é descrição, por oposição “tradicional” a narração. Seguidamente (pp. 23-24), centra-se em aspectos respeitantes à descrição de um exército, como discurso dirigido à imaginação. Característica notória na arte euripídiana da descrição de exércitos realçada ao longo do trabalho é ainda a *variatio* narrativa e discursiva (pp. 24-26).